

Enciclopédias medievais, historiografia e interdisciplinaridade, por Bernard Ribémont*

Rafael Afonso Gonçalves**

Resumo. Professor de História literária da Idade Média na Université d'Orléans e um dos mais importantes especialistas do gênero de textos conhecidos como enciclopédias medievais, Bernard Ribémont discorre sobre sua última publicação, a “tradução crítica”, como ele mesmo define, do *Livre du Trésor*, obra escrita pelo notário italiano do século XIII, Brunetto Latini. Nesta entrevista, o medievalista francês faz também um balanço do desenvolvimento dos estudos sobre as enciclopédias na historiografia contemporânea e de sua própria trajetória acadêmica, além de apontar alguns dos desafios atuais encontrados pelos jovens historiadores na França. Bernard Ribémont comenta, ainda, sobre as práticas do sistema universitário que julga terem impedido o progresso de estudos efetivamente interdisciplinares nas Ciências Humanas, tecendo uma contundente crítica ao que nomina de “academicismo francês”.

Palavras-chave: Bernard Ribémont; Enciclopédias; Interdisciplinaridade; Idade Média.

Medieval encyclopedias, historiography and interdisciplinarity, by Bernard Ribémont

Abstract. Bernard Ribémont is professor of Medieval Literary History at the Université d'Orléans, France, and one of the most important experts on text genres known as medieval encyclopedias. The history analyzes his recently published book, or rather, the critical translation of the *Livre du Trésor*, written by Brunetto Latini, a 13th century Italian notary. In his interview, the French medievalist investigates the development of studies on encyclopedias in contemporary historiography and in his own academic work. He even discourses on present challenges for young historians in France. Bernard Ribémont comments on the practices of the university system which he surmises that they hindered the progress of interdisciplinary studies in human sciences. He even criticizes the so-called French academism.

Keywords: Bernard Ribémont; Encyclopedias; Interdisciplinarity; Middle Ages.

* Entrevista recebida em 26/08/2013. Aprovada em 25/09/2013.

** Doutorando em História Medieval pelo Programa de Pós-graduação em História da UNESP, Franca/SP, Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: rafael_ag13@yahoo.com.br

Enciclopedias medievales, historiografía e interdisciplinariedad, por Bernard Ribémont

Resumen. Bernard Ribémont, profesor de Historia Literaria de la Edad Media en la Université d'Orléans y uno de los más importantes especialistas del género de textos conocidos como enciclopedias medievales, habla sobre su última publicación, la “traducción crítica” del *Livre du Trésor*, como él mismo define, obra escrita por el notario italiano del siglo XIII, Brunetto Latini. En esta entrevista, el medievalista francés también hace un balance del desarrollo de los estudios sobre las enciclopedias en la historiografía contemporánea y de su propia trayectoria académica, además de apuntar algunos de los desafíos actuales encontrados por los historiadores jóvenes en Francia. Bernard Ribémont comenta, también, sobre las prácticas del sistema universitario que, a su juicio, han impedido el progreso de estudios efectivamente interdisciplinares en las ciencias humanas, ofreciendo una crítica contundente a lo que llama de “academicismo francés”.

Palabras Clave: Bernard Ribémont; Enciclopedias; Interdisciplinariedad; Edad Media.

Apresentação

Bernard Ribémont é Professor-Pesquisador de História literária da Idade Média na Université d'Orléans, fundador e diretor dos *Cahiers de Recherche Médiévales et Humanistes* e Diretor do Laboratório de Estudos Interdisciplinares POLEN (*Pouvoirs Lettres, Normes*). Além de ocupar posições relevantes em instituições de pesquisa francesas, Ribémont possui uma extensa lista de publicação,¹ em que salta aos olhos seu interesse pelo conjunto de textos que ficou conhecido como *encyclopédias médiévales*. Dentre seus inúmeros escritos sobre o tema, destacam-se as obras: *De natura rerum. Études des encyclopédies du Moyen Age* (1995), *Les Origines des encyclopédies médiévales. D'Isidore de Séville aux Carolingiens* (2001), *La « renaissance » du XIIe siècle et l'encyclopédisme* (2002), e a edição da famosa obra de Bartolomeu, o inglês, o *Livre des propriétés des choses*

¹ Para uma lista completa de suas publicações, consulte sua página pessoal na internet: <http://bernard.ribemont.perso.neuf.fr/>

(1999), publicada a partir da tradução realizada, no século XIV, por Jean Corbechon.

A presente entrevista foi gentilmente concedida a mim [Rafael Afonso Gonçalves] no dia 30 de maio de 2013, em seu escritório na Université d'Orléans, instigada por sua mais recente publicação. Trata-se de uma tradução e edição, realizada em conjunto com Silvère Menegaldo, do primeiro dos três “livros” que compõem o *Livre du Trésor* (2013) obra escrita na segunda metade do século XIII, pelo notário florentino Brunetto Latini. O Livro I, segundo Ribémont, seria a única parte da obra que se enquadraria no que ele denomina “enciclopédias sobre a natureza”, tradição escrita da qual faz parte grandes nomes da literatura medieval, como Tomás de Cantimpré, Vincent de Beauvais e o supracitado Bartolomeu, o inglês. O *Livre du Trésor* foi escrito durante o período em que Latini estava exilado na França, provavelmente entre 1260 e 1265, pelo conflito entre os Guelfos e Gibelinos. Autor de outras obras de significativa importância para o período, como a *Rettorica*, o *Tesoretto* e o *Favoretto*, Brunetto Latini foi uma figura importante do meio intelectual e político de Florença, posição atestada pela menção de Dante Alighieri, no 15º canto do Inferno de sua incontornável *Divina Comédia*, em que o nomina de “mestre”. A edição do *Livre du Trésor* contribui para facilitar o acesso do pesquisador a esse importante texto, para nós, brasileiros, senão em português, em uma língua latina modernizada. Sobre a presente tradução transcrita do encontro, vale destacar que em alguns casos foi preciso amenizar os traços característicos de uma entrevista oral para garantir a fluência ao texto. Em outros casos, entretanto, a oralidade foi mantida a fim de evitar maiores prejuízos do conteúdo semântico da fala do entrevistado.

Entrevistador: Depois de ter publicado uma edição do *Livre des propriétés des choses*, de Jean Corbechon, por que o Senhor escolheu, entre o conjunto

relativamente grande de enciclopedistas que ainda não possuem uma tradução para o francês moderno, o *Livre du Trésor* de Brunetto Latini?

Bernard Ribémont: As traduções e edições modernas de obras enciclopédicas medievais são muito escassas, isso é verdade, e há ainda muito trabalho a ser feito nesse sentido. Dentre as possibilidades de textos ainda não traduzidos, minha opção se explica pela minha trajetória de pesquisa e também por aspectos subjetivos, pois é inegável que em um trabalho de pesquisa haja um grande componente do acaso e de elementos do momento. Dedico-me ao estudo do *Livre des propriétés des choses* há quase 20 anos, em um grande trabalho de edição crítica de texto que envolve toda uma equipe. Mas, é preciso admitir que o andamento desse tipo de projeto, às vezes, é demasiadamente demorado, pois as pessoas envolvidas geralmente desenvolvem outros trabalhos em paralelo, sem falar nos problemas editoriais que enfrentamos para publicar esse tipo de texto.

Por esse trabalho com o *Livre des propriétés des choses*, eu acabei entrando em contato com outras enciclopédias medievais, dentre elas, o *Livre du Trésor*. Passei, então, a me interessar por esse texto e, em particular, pela história de seu autor, o que resultou na publicação de alguns artigos. A maior parte dos autores desse tipo de enciclopédia é anônima ou é constituída por pessoas que deixaram poucas informações sobre sua biografia, como, por exemplo, Jean Corbechon, que não sabemos nada além de que frequentou a corte de Carlos V, onde realizou trabalhos como tradutor. Por outro lado, Brunetto Latini possui uma obra que vai muito além do *Livre du Trésor*, incluindo aí numerosos documentos de arquivo que fazem referência a sua trajetória, visto que era originário de uma importante família italiana, politicamente presente na história de Florença e na guerra entre Guelfos e Gibelinos. A gente o conhece bem, podemos dizer. Isso é um elemento importante para mim, pois conseguimos ver melhor as características desse personagem. Sua posição jurídica e política

junto aos conflitos florentinos explica também o fato de ter sido exilado na França, período em que escreveu a obra em questão.

Após eu ter escrito alguns artigos sobre a primeira parte do *Livre du Trésor*, notadamente a respeito da concepção de história e natureza ali presente, essa obra acabou voltando ao meu centro de atenção. Há cerca de cinco anos eu passei a me interessar menos pelos enciclopedistas por eles mesmos e mais pelas relações entre Direito e Literatura e tema ligados a isso, como o lugar do direito na cultura medieval e o imaginário do direito e suas representações no mundo medieval. A partir desse deslocamento, deparei-me novamente com o *Livre du Trésor* e percebi que, de certo modo, eu havia me enganado em meus trabalhos publicados anteriormente, pois ele não poderia ser considerado propriamente uma enciclopédia, como eu sempre havia escrito. A única parte que pode ser entendida como uma enciclopédia é o Livro I, o resto está muito mais inscrito na tradição dos Espelhos de Príncipe, ou mesmo no que poderíamos nominar de tradição das primeiras traduções da *Ética de Aristóteles*, com uma influência ciceroneana. Isto é, trata-se de uma obra que possui uma aparência diferente de outras enciclopédias coetâneas. O *Livre du Trésor* oferece, assim, essa interessante perspectiva que é considerar que o “livro da natureza” é propedêutico à educação do Príncipe, enquanto político e pessoa jurídica, o que vinha ao encontro do meu interesse crescente no direito e na política medieval.

Esse foi um dos motivos que contribuíram para que eu me ocupasse novamente do *Livre du Trésor*, o outro é que eu tinha a intenção de desenvolver algo que eu denomino de “tradução crítica”, um tipo de edição que eu já tinha começado em um trabalho sobre Guilhaume de Conches. Essa modalidade de publicação não é reconhecida pela academia e pelas instâncias do *establishment*. Entendo por “tradução crítica” um conjunto de texto que são muito difíceis de ler, por pertencerem ao mundo dos sábios ou dos pseudos-sábios, por serem

originalmente escritos em latim ou em francês antigo, ou por veicularem um conjunto de dados que somente um especialista domina. A maior parte das enciclopédias medievais se enquadraria nesse padrão, além, é claro, de ocuparem um lugar importante na cultura medieval e terem exercido uma influência importante sobre outros textos. Por exemplo, um jovem medievalista dos dias de hoje, que pretende trabalhar literatura, precisa entender em que contexto, o mais geral possível, o texto foi produzido, e uma edição desse tipo poderia ajudá-lo a estabelecer esse diálogo.

Para mim, diferentemente do que é estabelecido pelo sistema acadêmico francês, do qual sou muito crítico, não somos nem críticos literários, nem historiadores da literatura nem da ciência: somos todos ao mesmo tempo, sobretudo quando nos dedicamos ao estudo da Idade Média. Não podemos estudar a literatura do medievo, por exemplo, se não conhecemos as universidades, a ciência ou o pensamento político característico do período. Acredito que o pesquisador tem necessidade de instrumentos para conhecer um conjunto de temas que, mesmo sem ser especialistas, permita-o entender certos mecanismos que dialogam com seu objeto central.

A “tradução crítica”, a meu ver, poderia atender a essa demanda, e, por isso, eu quis desenvolver esse trabalho a partir de um texto que gosto bastante e que conhecia já há muito tempo. Nesse sentido, endereço-me *a priori* a um público composto por estudantes e pesquisadores, que não são necessariamente especialistas em enciclopédias e que não tem a intenção, digamos, de passar 15 anos estudando esse tipo de texto, mas que poderão ter uma leitura facilitada. O texto encontra-se, assim, em linguagem modernizada, e para aqueles que desejarem conhecer um pouco mais sobre um ponto específico da obra, encontra-se disponível um enorme aparelho de notas que oferecem o maior número possível de informações. Esse tipo de edição justifica-se, a meu ver, pela carência de traduções modernas de obras medievais e, ainda mais, daquelas

que fornecem algum tipo de “notas críticas”. A maior parte dessas edições conta, além da introdução e da tradução, com apenas algumas pequenas notas ao longo do texto, que não se aprofundam verdadeiramente nos temas aos quais elas se referem.

Minha ideia é ter como resultado uma boa tradução em que é incluído o trabalho de uma edição crítica. Assim, no caso do *Livre du Trésor*, há indicações de suas fontes – inclusive de novas fontes do autor que pudemos identificar – e uma série de “notas críticas” que explicam os saberes veiculados pela obra. Quando lemos o livro, é possível perceber que há páginas preenchidas quase que exclusivamente por notas, incluindo dados quantitativos que o leitor não precisa ler necessariamente, mas que pode ser útil para algum pesquisador que se interesse por esse tipo de informações. Assim, a ideia é fazer uma mistura entre uma edição crítica e uma tradução, que procura facilitar o acesso e a vulgarização da obra e ao mesmo tempo em que disponibiliza informações precisas e aprofundadas.

Entrevistador: Na introdução desta edição, o Senhor afirma que uma das originalidades do *Livre* é a presença de uma “consciência, mesmo que elementar, das relações entre natureza e história.” O que esta característica da obra latiniana pode revelar para os historiadores que se dedicam ao estudo das formas de conceber o mundo natural, como, por exemplo, aqueles afiliados ao que ficou conhecido como *Environmental history*?

Bernard Ribémont: Há um livro bastante interessante de Marie-Dominique Chenu, denominado *La théologie au XIII^e siècle*, em que ele mostra com convicção um processo de nova tomada de consciência sobre a história que se produz no século XII. Evoco essa obra, pois acredito que seja possível perceber tal movimento no *Livre du Trésor*. O livro se apresenta, em sua primeira parte, como uma “enciclopédia sobre a natureza”, dissertando animais e vegetais, por

exemplo, mas esse texto escrito em francês – é preciso lembrar isso, pois se endereça a um público muito particular, que não é, por exemplo, o de clérigos sábios das universidades –, comporta também uma parte histórica, fazendo uma integração entre a história bíblica e a história de sua contemporaneidade, com referências a figuras políticas, como Frederico II. A natureza, nessa perspectiva, vai se inscrever como uma continuação dessa história, e é por isso que faço tal afirmação na introdução da obra. Acredito que seja possível perceber na obra de Brunetto Latini um embrião dessa tomada de consciência.

Diferentemente de Bartolomeu, o inglês e Vicente de Beauvais, grandes nomes do enciclopedismo medieval, ele considerava que o “livro da natureza” se inscrevia em um processo de aprendizagem da política. Penso que esse seja um traço interessante de Brunetto Latini, se o comparamos a outros enciclopedistas ou mesmo a autores de textos considerados mais políticos. Quando lemos alguns dos tratados que mais influenciaram o pensamento político medieval, como o *Policraticus* de Jean de Salisbury ou o *De regimine principum* de Egídio Romano, percebemos que eles são compostos de *exempla*, de histórias extraídas da antiguidade, principalmente de moralistas, como as histórias de Alexandre. De outro modo, Brunetto Latini escreve uma enciclopédia que busca fornecer um conjunto de saberes que vislumbra a educação do príncipe e, assim, a constituição de um pensamento político, que passa – destaco mais uma vez – pelo aprendizado do “livro da natureza”. Nesse sentido, acredito que a abordagem presente na obra possui elementos de certa novidade e por isso, parece-me bastante interessante.

Entrevistador: A maior parte dos enciclopedistas contemporâneos de Brunetto Latini, como, por exemplo, Tomás de Cantimpré, Vicente de Beauvais e Bartolomeu, o inglês, provém de regiões localizadas no Centro-Norte da Europa, o que torna Latini um dos poucos enciclopedistas de seu tempo de origem itálica. Essa singularidade é perceptível na escrita do *Livre du Trésor*? É

possível dizer que essa proveniência do autor teria contribuído para sua diferenciação em relação a outras enciclopédias escritas na mesma época?

Bernard Ribémont: Essa característica é pouco perceptível, embora haja certas formas de reivindicação italiana, como na primeira parte da obra, em que ele constrói uma espécie de *translatio studii* que termina pela Itália, o que é bastante original. É necessário lembrar que o *Livre du Trésor* não foi escrito na Itália, e sim na França, quando Brunetto Latini estava exilado em Paris. A principal singularidade da obra, todavia, pode ser extraída pela origem de seu autor, comparemô-lo com outros grandes enciclopedistas: Bartolomeu, o inglês, era franciscano; Vicente de Beauvais era dominicano; Tomas de Cantimpre idem; Jean Corbechon, para irmos mais longe, era monge da ordem de Santo Agostinho; isto é, todos fazem parte de ordens religiosas, Ordens Mendicantes sobretudo. Diferentemente desses outros autores, Brunetto Latini é um laico “puro”, podemos dizer que possui a função de notário. Ao pesquisarmos em arquivos mais informações sobre sua biografia, pudemos precisar melhor o quanto ele estava inserido na vida política da Itália, que no século XIII é extremamente movimentada, principalmente no que toca às guerras entre as cidades, como a entre os Guelfos e os Gibelinos. Ele estava no coração desses conflitos, e é isso que cria a originalidade de Brunetto Latini.

Comparado a Bartolomeu, o inglês, ou a Vicente de Beauvais, ele é um homem de ação. Um homem que frequentou também círculos artísticos: é conhecida sua relação com Dante, por exemplo. Quando estava exilado, é mais que provável que tenha frequentado também os círculos de banqueiros, alguns inclusive se encontravam também exilados na França. Chegou também a circular pela corte de Carlos d’Anjou, além de ter sido considerado um notável diplomata da cidade de Florença. Isso muda tudo, muda sua perspectiva, pois é alguém que escreve a partir de uma posição verdadeiramente inserida em um contexto político. E é por isso que essa obra me interessa de maneira particular.

Quando me dediquei ao estudo da obra de Jean Corbechon, eu estava interessado em conhecer melhor como havia se dado a vulgarização da ciência, frutos de minhas pesquisas anteriores. Tive uma dupla formação, primeiramente cursei as Ciências Exatas, obtive o título de Doutor em Matemática e lecionei dessa disciplina durante dez anos na Universidade. Posteriormente é que eu realizei meus estudos nas Ciências Humanas e me tornei professor de História Literária da Idade Média. Foi por essa razão que me interessei inicialmente pelos enciclopedistas e, sobretudo, pela vulgarização da ciência. O que me interessa hoje no *Livre du Trésor* é essa efetiva dinâmica de inscrição na sociedade, característica que torna a obra de Brunetto Latini original.

Entrevistador: Por ser em grande parte fruto de compilações, o *Livre* de Brunetto Latini, como as obras de outros enciclopedistas, é geralmente visto como uma obra de vulgarização e não estritamente como uma produtora de saber. Em que medida é pertinente procurar uma intervenção autoral nesse tipo de obra?

Bernard Ribémont: Brunetto Latini, ao mencionar sua tarefa de compilador, em que afirma que não ter escrito nada que tenha saído de sua “própria ciência”, mas de um ajuntamento, já é reivindicada, de algum modo, a intervenção do autor. Jean de Corbechon, por exemplo, chegou a escrever seu próprio prólogo da obra que traduzia, isto é, da obra de Bartolomeu, o inglês. Por outro lado, esse já não é o caso de Vicente de Beauvais, que opera na maior parte das vezes uma justaposição de saberes, citando o que diferentes autores escreverem sobre determinado tema. No caso da escrita de Bartolomeu, o inglês, há um esforço maior na disposição de sua escrita, perceptível em certos casos em que ele afirma: “não direi isso agora, pois já o disse anteriormente”, ou seja, há uma atenção evidente na composição da obra. No caso de Brunetto

Latini, é possível perceber uma grande preocupação que podemos denominar de “preocupação com o estilo”, já que sua obra carrega elementos de uma obra literária, sobretudo nos livros II e III. Todavia, existe um aspecto nessas obras que ainda permanece como objeto de estudo, que é perguntar em que medida esse textos são eles mesmos fontes. Para dar um exemplo que eu conheço bem, sabemos que Brunetto Latini foi uma fonte extremamente importante para os autores do século XIV, em particular para Christine de Pizan. Isso já mostra que esse tipo de obra teve papel importante na ligação entre isso que podemos denominar de “*savoir savant*” e o “saber dos letrados”, como os poetas e outros escritores. A obra de Brunetto Latini desempenhou claramente esse papel de ponte, sendo bastante lido pelos autores didáticos do século XIV.

Entrevistador: Na introdução de seu livro, *De natura rerum: études sur les encyclopédies médiévales*, publicado em 1995, o Senhor anunciava o desejo de desenvolver o estudo das enciclopédias, que considerava ainda “muito negligenciados”. Após quase 20 anos da publicação dessa obra, o Senhor acredita que esse cenário mudou?

Bernard Ribémont: Sim, acredito que mudou de diferentes formas. Mudou positivamente, pelos trabalhos que se desenvolveram durante esse período, e aí penso em Baudouin Van den Abeele e sua equipe que, em Louvain, na Bélgica, produziram colóquios, publicações etc; em Christel Meier-Staubach, que, na Universidade de Münster, também desenvolveu muitas coisas sobre esse tema; em Iolanda Ventura, que está agora na Universidade de Orleans, que estudou diferentes tipos de enciclopédias; em Michael W. Twomey, que realiza esse tipo de estudos nos Estados Unidos. Enfim, eu diria que sim. Eu fico bastante satisfeito em ver que agora temos disponibilizadas algumas edições dessas obras, como o *Livre de Sidrac*, editado por Ernstpeter Ruhe, minha edição de Bartolomeu, o inglês, a edição em italiano do *Livre du Trésor* publicada por P. G.

Beltrami. Existem também hoje muito sites dedicados ao tema, como o de Bolton Holloway, sobre Brunetto Latini, ou o *Atelier Vincent de Beauvais*, que oferece textos digitalizados do *Speculum maius*. Esse é o lado positivo.

O lado que eu lamento um pouco, é que há algum tempo se tornou moda na França, principalmente em teses de doutoramento, fazer um capítulo sobre os enciclopedistas, mas sem um aprofundamento, o que se deve principalmente ao tamanho e dificuldade que essas obras apresentam. E foi com certa tristeza que pude ler nesses últimos anos alguns trabalhos que tratam o tema com grande superficialidade, sem demonstrar um conhecimento efetivo desses textos. Mas isso, creio, é um efeito marginal do lugar que esses textos passaram a ocupar atualmente. O mais importante é que compreendemos que tais obras são importantes para entendermos o período em que elas foram produzidas. A principal dificuldade que ainda enfrentamos para trabalhar esse tipo de texto, e isso é algo que denuncio já há algum tempo, é o academismo francês, que produz uma classificação dos estudos em “caixas”, sem promover um verdadeiro diálogo em um nível institucional entre disciplinas como História, Literatura, Sociologia.

Como esse tipo de texto cobra uma abordagem interdisciplinar, é difícil para um jovem pesquisador, por exemplo, fazer uma tese sobre as enciclopédias, pois, quando ele for procurar um cargo em uma universidade, vão lhe dizer: “você não tem formação específica nem história, nem em literatura, nem em história da ciência”, o que acaba sendo, muitas vezes, um empecilho para sua inserção na carreira universitária. Então, um dos problemas que denuncio – e vou denunciar até o fim dos meus dias – é essa demasiada separação dos domínios da pesquisa, o que indica a falta de uma real interdisciplinaridade. Fala-se muito sobre a interdisciplinaridade já há algum tempo, mas o fato é que, pelo menos na França, é muito difícil ser um pesquisador interdisciplinar, principalmente para um jovem. Isso porque

quando ele se deparar com nosso sistema acadêmico, será cobrado dele uma formação em uma área acadêmica muito precisa, e se isso não acontece ele acaba sendo rejeitado. Essa característica de nosso sistema acadêmico acaba não encorajando os estudos sobre esse tipo de texto que é, por definição, interdisciplinar.

De toda maneira, para voltar mais diretamente à sua pergunta, se comparamos o número de pesquisadores que estudam as enciclopédias com a quantidade de estudiosos de 20 anos atrás, vemos que o saldo é bastante positivo. Podemos somar a isso o desenvolvimento importante de trabalhos sobre temas que, de algum modo, estão ligados às enciclopédias, como os relatos de viagens, os tratados sobre cartografia e outros. Os estudos de alguns autores, como Christiane Deluz e Michèle Gueret-Laferté, indicam que houve um movimento, tanto do lado dos historiadores quanto do lado dos críticos literários, no sentido de desenvolver os estudos sobre esse saber mediador, que produziram ligações entre o saber universitário e o saber dos letrados. Isso me leva a crer que, após esses 20 anos, pudemos produzir um novo olhar sobre esses textos, e isso é muito positivo.

Entrevistador: É possível fazer uma relação entre a renovação desse interesse dos historiadores pelas enciclopédias e uma renovação da historiografia atual? Ou a produção atual sobre esses escritos se caracterizaria antes como simples exploração de fontes ainda pouco estudadas, sem propriamente haver uma redefinição de perguntas ou abordagens?

Bernard Ribémont: Eu precisaria possuir informações suficientemente completas do panorama geral de estudos históricos atuais para lhe afirmar com mais segurança, mas penso que o cenário de estudos caracteriza-se ainda pela segunda opção. Isto é, não acredito que foi uma reflexão profunda sobre a historiografia que pôde nos conduzir a esse desenvolvimento, e sim que a maior

parte dos pesquisadores é levada, por diferentes fatores, a procurar fontes que possuem ainda algum grau de novidade. Isso é bastante perceptível na área de estudos literários na França, mas acredito que isso seja um fenômeno que acontece também em outros lugares. Se observarmos os trabalhos sobre a história literária medieval, por exemplo, percebemos ainda um forte conservadorismo na escolha das obras estudadas. Ao analisar a bibliografia anual de literatura francesa, percebemos que temos ainda muitos trabalhos sobre Marie de France, sobre Chretien de Troyes, sobre a Chanson de Roland, ou seja, textos muito tradicionais. Esses são ótimos textos, claro, mas os trabalhos sobre eles acabam repetindo muito as análises de estudos já publicados anteriormente, pois é muito difícil conseguir verdadeiramente inovar. Isso não quer dizer que não seja possível lançar um novo olhar sobre textos já bastante conhecidos.

O projeto que lançamos aqui, por exemplo, sobre as ligações entre o Direito e a Literatura, suscitou questões suficientemente novas e que podem ser colocadas também para textos mais tradicionais. Não quero dizer que conseguimos fazer uma revolução sobre o tema, mas conseguimos realizar análises que apresentam alguma novidade. O que quero dizer é que, globalmente, se permanecemos no domínio estrito dos estudos literários e não interdisciplinar, é possível notar um tradicionalismo na escolha de fontes de estudo. De todo modo, o jovem pesquisador, que produz novas teses, dirige-se normalmente a textos que permanecem ainda pouco estudados. Em minha universidade, podemos ver muitos doutorandos estudando textos que acabaram caindo no esquecimento ou textos de autores pouco conhecidos. Para mim – e isso que irei dizer não é algo original –, a renovação dos estudos da historiografia e de outros domínios das Ciências Humanas, e em especial, dos que se dedicam ao estudo do medievo, deve passar pelo trabalho em equipe e pela interdisciplinaridade. E disso ainda estamos longe na França. No domínio

das Ciências Exatas, por exemplo, esse tipo de trabalho em conjunto não é somente mais aceito, mas é recomendado que se produza artigos em três ou quatro pessoas, às vezes mais, provenientes de diferentes áreas.

Acredito que a renovação em nossa área passará necessariamente por isso, isto é, que teremos, por exemplo, numa mesma equipe de historiadores, antropólogos, críticos literários, e outros, que se dedicarão em conjunto ao estudo de um mesmo texto ou de um mesmo *corpus*, cada um com seus métodos e abordagens. Somente ao colocar isso em diálogo, acredito, é que sairá algo de novo. Pois, como eu dizia anteriormente, é necessário que não permaneçamos fechados, cada um em sua disciplina, para amenizar nossas limitações. Mesmo que possamos dominar nossa especialidade, não podemos saber tudo de todos os domínios. Por exemplo, alguém que estuda o século XIII precisa possuir algum conhecimento sobre as universidades, a história política da região onde se encontra seu objeto, uma boa noção da história da Igreja, um pouco de história do Direito, senão ele não compreenderá seu objeto de maneira aprofundada. Mas, por outro lado, não podemos cobrar que ele seja, ao mesmo tempo, um especialista em história do Direito, das Universidades etc. Nossas vidas são muito curtas para isso. Por isso, para mim, uma renovação da historiografia não passará necessariamente por uma nova reflexão teórica. Acredito, e isso é uma crença de certo pragmatismo, que as Ciências Humanas devem se reformar a partir de suas práticas, isto é, elas devem trabalhar em equipe. E, em efeito, as enciclopédias são um bom exemplo de que não podemos fazer um trabalho de fôlego sobre um grande *corpus* se não trabalharmos em equipe.

Entrevistador: Uma das características das enciclopédias medievais é a ambição de produzir uma síntese de todo conhecimento disponível ao homem – uma *summa brevis*, como o Senhor bem define –, o que resulta em obras que tratam de uma grande variedade de assuntos. Essa pluralidade de temas

abordados pode apresentar dificuldades para o historiador, já que nem sempre é tarefa fácil estudar essas volumosas obras como um conjunto, nem tampouco em sua totalidade. Que outros caminhos o Senhor teria para sugerir ao jovem historiador para explorar os conteúdos parciais ou séries nesses escritos, mas sem cair em uma leitura excessivamente fragmentária?

Bernard Ribémont: Essa pergunta vem ao encontro do que eu vinha dizendo sobre o trabalho em equipe entre os pesquisadores, e, em particular, como um caminho para o jovem pesquisador. Acho que comecei a responder sua questão em outras perguntas. Mas, para complementar o que havia respondido nas outras questões, citarei um exemplo que é bastante sintomático da falta de diálogo entre os pesquisadores de diferentes áreas. Hoje, na maior parte das vezes, quando fazemos um evento interdisciplinar, escolhemos um tema específico, denominamos um historiador, um crítico literário, um sociólogo, ou pesquisadores de outras disciplinas, e então, cada um faz sua conferência e depois cada um volta para seu canto. Isso não é interdisciplinaridade. Interdisciplinaridade é aceitar escrever um livro a cinco ou seis, e não cada um fazer uma parte, quase sem nenhum contato. Aceitar fazer *workshops*, reunir-se, trocar ideias, são maneiras de promover o diálogo entre as disciplinas. Por exemplo, em meu laboratório, lançamos um projeto sobre anedotas, e, para isso, reunimos historiadores do direito, críticos literários, historiadores da arte. Os nossos seminários eram bastante interessantes, pois a discussão passava por pontos de vista bastante distintos, que nem sempre estão em concordância, isso é verdade. De toda maneira, acredito que através do diálogo de diferentes conceitos podemos extrair conteúdos diferentes de um mesmo objeto, e isso é um verdadeiro trabalho interdisciplinar. Isso implica, efetivamente, em uma necessidade de tempo, pois as pessoas precisam se reunir, e não com o fim de uma publicação imediata. Um dos problemas da universidade é o que se

denomina de *publish or perish*,² isso é um pouco caricatural, mas os pesquisadores são avaliados para progredir em sua carreira, e sabemos que é necessário manter os níveis de publicação, o que torna mais difícil a dedicação a um trabalho comum. Soma-se a isso a cultura do curto prazo, em que tudo em nossa sociedade deve ser feito e respondido em um curto prazo. A ideia de um grupo interdisciplinar, ao contrário, necessita de um tempo suficiente para haver uma verdadeira troca de conhecimento entre as áreas, para que, no fim de dois ou três anos, seja publicado um livro ou um artigo, mas com uma grande relevância no tema. Hoje ainda estamos longe disso, isto é, fazemos colóquios em que cada um faz a sua parte, de acordo com suas abordagens e crenças, e depois colocamos tudo isso justaposto em uma mesma publicação. É um pouco parecido com o que fazia Vicente de Beauvais, não é mesmo?

Referências

- RIBÉMONT, B. *De natura rerum. Études des encyclopédies du Moyen Âge*. Orléans: Paradigme, 1995.
- RIBÉMONT, B. *Le Livre des propriétés des choses, une encyclopédie au XIV^e siècle*. Paris: Stock, 1999.
- RIBÉMONT, B. *Les Origines des encyclopédies médiévales. D'Isidore de Séville aux Carolingiens*. Paris: Champion, Bibliothèque du Moyen Âge, 2001.
- RIBÉMONT, B. *Littérature et encyclopédies du Moyen Âge*. Orléans: Paradigme, 2001. coll. Medievalia.
- RIBÉMONT, B ; MENEGALDO, S. *Le Livre du Trésor de Brunetto Latini*. Traduction, notes et commentaires. Paris: Editions Champion, 2013.

² A expressão utilizada por Bernard Ribémont em língua inglesa, em tradução livre, “publique ou morra”, refere-se ao que chamamos comumente no Brasil de “produtivismo”, isto é, a pressão exercida pelos órgãos acadêmicos de avaliação para que os pesquisadores produzam uma grande quantidade de publicação em um curto espaço de tempo.

